

CUIDADO É FUNDAMENTAL

Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO

PESQUISA

DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12213

A MATERNIDADE ATÍPICA: NARRATIVAS DE UMA MÃE COM TRÊS FILHOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

*Atypical motherhood: narratives of a mother with three children with autism spectrum disorder**Maternidad atípica: narrativas de una madre con tres hijos con trastorno del espectro autista*Thaynara Maria Pontes Bulhões¹ Ivanise Gomes de Souza Bittencourt² Elizabeth Moura Soares de Souza³ Clarice Maria Tavares Macedo Cavalcanti⁴ Maria Eduarda Alves Porto⁵ 

RESUMO

Objetivo: relatar as experiências e narrativas de uma mulher enquanto mãe de três filhos com Transtorno do Espectro Autista. **Método:** estudo de natureza qualitativa, do tipo narrativa de vida. A pesquisa foi realizada com uma mãe de três filhos com Transtorno do Espectro Autista, em acompanhamento na Associação de Equoterapia de Alagoas. Os dados foram produzidos a partir de entrevistas narrativas com a participante da pesquisa. As entrevistas com a participante foram realizadas nos meses de junho e julho de 2022, em momento presencial e individual. **Resultados:** percebeu-se que as necessidades mais recorrentes em saúde do familiar da pessoa com Transtorno do Espectro Autista são a percepção da vulnerabilidade do filho, isolamento, depressão e eventos estressantes. **Conclusão:** portanto, com a investigação das necessidades em saúde do familiar e escuta das narrativas de uma mãe, houve o conhecimento da interação social e dinâmica de vida dessas pessoas.

DESCRIPTORIOS: Transtorno do espectro autista; Relações familiares; Cuidadores; Enfermagem no consultório.

^{1,2,3,5}Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, Maceió, Brasil.

⁴ Associação Alagoana de Equitação Terapêutica, Alagoas, Maceió, Brasil.

Recebido em: 25/11/2022; Aceito em: 31/03/2023; Publicado em: xxxxxxxxx

Autor correspondente: Thaynara Maria Pontes Bulhões thaynara.bulhoes@esenfar.ufal.br

Como citar este artigo: Bulhões TMP, Bittencourt IGS, Souza EMS, Cavalcanti CMTM, Porto MEA. A maternidade atípica: narrativas de uma mãe com três filhos com transtorno do espectro autista. R Pesq Cuid Fundam [Internet]. 2023 [acesso ano mês dia];15:e12213 Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v15.12213>



ABSTRACT

Objectives: to report the experiences and narratives of a woman as a mother of three children with Autism Spectrum Disorder. **Method:** study of a qualitative nature, of the life narrative type. The research was carried out with a mother of three children with Autistic Spectrum Disorder, who was being followed up at the Riding Therapy Association of Alagoas. Data were produced from narrative interviews with a research participant. Interviews with one participant were carried out in June and July 2022, in person and individually. **Results:** it was noticed that the most recurrent health needs of the family member of the person with Autistic Spectrum Disorder are the perception of the child's vulnerability, isolation, depression and stressful events. **Conclusion:** therefore, with the investigation of the health needs of the family member and listening to the narratives of a mother, there was knowledge of the social interaction and dynamics of these people's lives.

DESCRIPTORS: Autism spectrum disorder; Family relations; Caregivers; Office nursing.

RESUMEN

Objetivos: relatar y discutir las vivencias y narrativas de una mujer como madre de tres hijos con Trastorno del Espectro Autista. **Método:** se trata de un estudio cualitativo, narrativo de vida, descriptivo. La investigación fue realizada con una madre de tres niños con Trastorno del Espectro Autista, en seguimiento en la Asociación de Equitación Terapéutica de Alagoas. Los datos se produjeron a partir de entrevistas narrativas con el participante de la investigación. Las entrevistas a la madre participante se realizaron en junio y julio de 2022, de forma presencial e individual. **Resultados:** se percibió que las necesidades de salud más recurrentes del familiar de la persona con Trastorno del Espectro Autista son la percepción de vulnerabilidad del niño, aislamiento, agotamiento, impotencia, depresión, eventos estresantes, entre otros. Ser familiar de una persona con Trastorno del Espectro Autista es un reto y tiene un impacto significativo en la vida, trayendo consigo una gran carga de trabajo. **Conclusión:** por lo tanto, con la investigación de las necesidades de salud de la familia y la escucha de las narrativas de una madre, se tuvo conocimiento de la interacción social y dinámica de vida de estas personas, sobre sus vivencias y cómo cada evento en su existencia se refleja directamente en el curso de sus vidas, tu vida hasta ahora.

PALABRAS CLAVE: Trastorno del espectro autista; Relaciones familiares; Cuidadores; Enfermería de consulta.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento que compromete a tríade do desenvolvimento humano, composta pela comunicação, socialização e o comportamento,¹ além de ser um transtorno que vai além da sua complexidade. Os pais das pessoas com TEA são os primeiros a perceberem algo diferente no seu filho, o que fazem questionar e buscar auxílio, sendo uma fase de incertezas e de diversos sentimentos que permeiam desde a negação e a culpa, até aceitação e busca de soluções.^{2,3}

A família da pessoa com TEA sente uma intensa e cansativa rotina, que interfere na sua saúde psicológica e física e, consequentemente, em sua qualidade de vida, trazendo resultados de estresse intenso, decorrente da prestação de cuidados a longo prazo, além de diminuição de práticas de lazer e participação social.^{4,5}

A atuação da enfermagem, no âmbito do TEA, é imprescindível para o desenvolvimento e atenção dessas pessoas e seu familiar, pois o enfermeiro é um mediador fundamental na comunicação entre usuário e família, atentando-se não somente a técnicas ou procedimentos, mas também na promoção de ferramentas que garantam o apoio, segurança e bem-estar.^{6,7}

Visto isso, o enfermeiro como agente terapêutico, busca compreender os desafios e necessidades em saúde do familiar da pessoa com TEA, trazendo a melhoria da qualidade da vida na prestação da sua assistência, a fim realizar um plano de cuidados

que auxilie este indivíduo no reconhecimento de suas capacidades, além de proporcionar segurança, tranquilidade e motivação.⁸

Todavia, as vivências da família da pessoa com TEA, ainda são negligenciadas ou desvalorizadas em relação às suas queixas, além de ser um tema insuficientemente abordado na saúde, inclusive na Enfermagem, precisando de mais investimentos, para que os profissionais estejam mais capacitados e desenvolvam intervenções que possibilitem a promoção da saúde.^{9,7}

Dessa maneira, a pesquisa tem como objetivo relatar e discutir as experiências e narrativas de uma mulher enquanto mãe de três filhos com TEA.

MÉTODO

Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, do tipo narrativa de vida e descritivo.

Local do estudo

O cenário da experiência ocorreu na Associação de Equiterapia de Alagoas (AEA), localizada na cidade de Maceió-AL.

Participantes do estudo

A pesquisa foi realizada com uma mãe de três filhos com TEA, em acompanhamento na AEA, localizada na cidade de Maceió-AL. Esta mãe foi convidada como participante em virtude das suas vivências como cuidadora de filhos com TEA.

Foram utilizados como critérios de inclusão para participar da pesquisa as seguintes condições: mãe de pelo menos 2 (dois) filhos (as) com TEA, em acompanhamento na AEA, localizada na cidade de Maceió-AL. Além disso, foram excluídas da pesquisa mães que possuíam apenas 1 (um) filho (a) com TEA e/ou que tinham filhos (as) com apenas 6 meses de tempo de cadastro e de acompanhamento na instituição.

Neste estudo, a mãe e seus filhos foram apresentados pelos nomes fictícios. Joana tinha 43 anos, sexo feminino, casada, evangélica, ensino médio completo. Duas gestações, 3 filhos (Isac, Isaías e Igor), todos com pré-natal completo e parto cesáreo em Maceió. Os três filhos eram diagnosticados com TEA e não verbalizavam.

Coleta de dados

As entrevistas com a mãe se realizaram nos meses de junho e julho de 2022, em momento presencial e individual, a sós com as pesquisadoras, reservando-se sempre um tempo entre uma a duas horas, para que pudessem narrar de forma calma, tranquila e sem pressa. As entrevistas foram realizadas na AEA, sempre às quartas pela manhã, no período em que os filhos estavam fazendo a terapia com os cavalos. Durante a narração, utilizou-se o recurso de gravação em áudio (no aparelho celular das pesquisadoras). A entrevista narrativa teve como questão disparadora: “me relate todo o seu percurso de sua vida enquanto mãe de filhos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista até os dias atuais”.

Após lançar a questão disparadora, foi empregado apenas a escuta e anotações curtas quanto aos pontos a serem melhor esclarecidos posteriormente.

Procedimentos de análise e tratamento dos dados quantitativos e/ou qualitativos

Utilizou-se, nesta pesquisa, o método de estudo narrativo, visto que captura as dimensões pessoais e humanas com suas histórias vividas e contadas.

As narrações da mãe foram transcritas na íntegra, sob o cuidado prévio de qualquer eventualidade que pudesse danificar os arquivos dos áudios, além destes serem salvos sob diversos formatos e em duas contas diferentes da plataforma Google Drive. Ademais, também foram anotados os relatos disparados no whatsapp, visto que esta mãe utilizava deste meio de comunicação como forma de relatar as dificuldades sofridas no dia a dia e frustrações.

Aspectos éticos

Essa pesquisa foi realizada após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas e foram respeitados os procedimentos éticos, estabelecidos nas Resoluções 466/12 e 510/16. Este estudo foi aprovado sob o parecer número 4.482.466 e CAAE número 40033720.4.0000.5013.

Confirmado o desejo de participar voluntariamente da pesquisa e para formalizar essa participação, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em

duas vias. A via de um dos termos foi entregue à participante e as outras, ficaram com as pesquisadoras.

RESULTADOS

A trajetória de cuidados dos filhos gêmeos com TEA

As primeiras narrativas se concentraram nas experiências de cuidar dos filhos gêmeos de 14 anos com TEA, sobre o processo de descoberta até os dias atuais, bem como os desafios enfrentados por ela nos cuidados de filhos com TEA, em diversos momentos da sua vida, desde a inserção dos meninos na escola até as relações familiares e sociais.

A mãe relatou como foi seu processo de gestação e nascimento dos gêmeos:

Minha gestação dos gêmeos foi bem complicada porque, na verdade, no começo da gestação, tive complicações com os vizinhos, discutia muito... E assim... Os meninos nasceram em dois mil e sete, dia nove do nove de dois mil e sete. (JOANA)

Depois que nasceram, ficaram quinze dias na UTI neonatal, porque precisaram ficar tomando banho de luz.... (JOANA)

Joana também falou sobre a sua história na vivência com o TEA e, que apesar de os filhos não brincarem juntos quando pequenos e não atenderem ao serem chamados, ela, como mãe, não estranhava nada. Os vizinhos eram quem percebiam algo de diferente e que ela só veio desconfiar de algo quando as crianças tinham 1 ano:

[...] mas de lá para cá não dava para perceber nada, após o nascimento... Eu não percebia nada, alguns vizinhos que percebiam com quatro-cinco meses, que algo estava estranho neles, mas nós, pais, não conseguíamos saber o que eles tinham. (JOANA)

Mas você não sabe. O pai não aceitou não. Não acreditava que eles tinham esse diagnóstico. O comecinho para ele foi bem difícil. Agora eu não, aceitei desde o imediato. (JOANA)

Mas [meu marido] nunca me abandonou desde a descoberta do diagnóstico dos meninos, sempre presente. Mas tem casos que realmente abandonam, mas no meu caso não. Ele é apaixonado pelos meninos. (JOANA)

No entanto, quando perguntado sobre a inserção atual dos meninos na escola, Joana se emocionou, afirmando que estão matriculados, mas que está há dois anos e meio vem lutando por um assistente de sala para efetivamente incluí-los nesse ambiente, gerando nela muita tristeza e insatisfação de ver os seus filhos fora da esfera escolar:

Estão só matriculados, porque estão precisando de assistente de sala. Estou há dois anos e meio nessa luta para conseguir auxiliar de sala. (JOANA)

Me sinto péssima. Eu estou com desgaste emocional triste, eu não sei nem como estou me encontrando aqui porque ontem eu conversando com a menina desabei, porque é muita sobrecarga” [Pausa porque se emocionou e seus olhos ficaram marejados]. (JOANA)

Percebi uma discriminação por parte da escola por não querer aceitar os meninos nessa escola. (JOANA)

Joana afirma que são muitas as dificuldades e que a luta por cuidar de meninos com TEA são imensas, principalmente em relação a busca de direitos, mas que a força de lutar é gratificante. Todavia, relata ainda existir muito preconceito na sociedade, que acaba gerando bloqueio e uma luta diária.

[...] as dificuldades foram muitas, porque tive que correr atrás do benefício, essa coisa toda, fui para o interior, aposentei meus meninos... As dificuldades são muitas, a força de lutar que eu tive em relação aos meninos é gratificante, porém há sempre um bloqueio em relação a isso porque você sai lutando pelos direitos dele e você não é bem-vindo, não é bem tratada. (JOANA)

Além disso, fala sobre a falta de apoio do governo e a sobrecarga:

Muitas matam seus filhos cometem suicídio tudo por conta de sobrecarga e a falta de apoio do governo e da sociedade que elas não têm. (JOANA)

Reforça a falta de empatia da sociedade e diminuição do olhar para as necessidades das mães, tanto das instituições quanto das redes midiáticas.

A falta de empatia é uma das piores, a gente não tem apoio de nenhuma instituição por mais que você esteja naquela instituição você não tem, a mãe não tem um apoio, apoio psicológico.... (JOANA)

Quando perguntado se as instituições que atendem e acompanham seus filhos gêmeos fazem algo para ela, por cuidar de filhos com TEA, ela afirma:

Não. Até hoje é assim. Do que adianta perguntar se tá tudo bem... Eu não vou dizer que está tudo mal, eu vou dizer que está tudo bem. Quando eu falo, eu quero dizer para você é uma coisa que a gente não tem... Era para existir uma sala que quando as crianças estarem no tratamento, a gente estaria em uma reunião com a assistente social, para fazer uma dinâmica com outras mães. (JOANA)

Joana também fala sobre a importância da autoestima para as mães e o quanto isso deveria ser evidenciado pela sociedade, inclusive no dia das mães:

A auto estima dessas mães seria muito importante. No começo eu me cuidava, mas era muito pouco. Hoje procuro me amar mais e mais e está bem comigo mesma porque se eu

não me cuido e nem me amo como vou poder cuidar e amar os meus filhos. (JOANA)

A trajetória de cuidados do terceiro filho com TEA

Nesta parte, serão abordadas as experiências de mais uma gestação e mais um filho diagnosticado com TEA, desde a desconfiância, descoberta e o cotidiano de cuidar de um filho com 8 anos com este diagnóstico. Quais são os desafios e a sua realidade, enquanto mãe, enfrentadas nas várias áreas da sua vida, cuidando de 3 filhos com autismo.

Joana narra como foi o processo de gestação e parto de Igor, destacando a dificuldade que sofreu na maternidade:

A gravidez do Igor foi uma gravidez super... não tive nada. Foi tudo normal. Foram os nove meses fazendo o pré natal tudo certinho e o parto também.... (JOANA)

Entretanto, ela fala sobre sua frustração com o fechamento do diagnóstico, pois, para ela, Igor iria ser o irmão que iria ajudar os gêmeos:

Depois do diagnóstico fechado, eu desabei, né? porque eu não esperava, eu criei muita expectativa em cima do Igor, porque ele não dava sinais no começo, aí no meu pensamento o Igor ia me ajudar a cuidar dos irmãos dele, esse era meu maior sonho, minha maior expectativa, isso veio como uma bomba, eu desabei naquele momento. (JOANA)

Joana narra, também, a dificuldade de inclusão de Igor e seus irmãos em qualquer outro ambiente, destacando que sempre tem que procurar a justiça:

[...] mas você sabe, né? Aqui é tudo, tudo difícil, tudo tem que ser na justiça. tudo é justiça. Se você precisar de alguma coisa tem que ir para a justiça. (JOANA)

Ademais, destaca que além da dificuldade de conseguir algo para os seus filhos, precisando buscar a justiça, há o obstáculo do transporte:

Era para ter direito a uma carteirinha especial porque a gente vai tirar do bolso dos meninos, do salário dos meninos para subir e para descer, sem ter onde tirar. Os meninos não ficam acomodados com aquele barulho do ônibus, entendeu? O meu mesmo quando ficam sentadinhos, se forem sentados, eles ficam até o fim da viagem, mas se forem em pé, ninguém dá o lugar e ficam em pânico dentro de um ônibus. Se eu for com a carteirinha deles eu sou bloqueada, então a mãe e o pai era para ter essa carteira. (JOANA)

A partir das narrativas da participante da pesquisa, constatou-se as reais necessidades em saúde de um familiar da pessoa com TEA, que passa por consideráveis desafios em seu cotidiano, os quais envolvem questões que permeiam desde a descoberta do diagnóstico, as problemáticas inerentes à inclusão na escola até à assistência em saúde, verificando que as respostas explicam as demandas e desafios em ser uma mãe atípica.

DISCUSSÃO

Com as narrativas foi possível perceber que ser mãe de filhos com TEA, em seu desafio contínuo da maternidade atípica, carrega inúmeros desafios, evidenciando as vivências do cotidiano de cuidar de um indivíduo com esse diagnóstico. A aceitação desse transtorno pela família é desafiadora, em razão, muitas das vezes, do desconhecimento sobre o assunto e do preconceito.¹⁰

A maternidade representa um desafio, e é comum que mães de filhos com TEA se sintam culpadas, fragilizadas e tristes, visto que nunca foram ensinadas ao cuidado de um filho neuro atípico, despertando nelas um sofrimento psicológico. A percepção do diagnóstico e dos primeiros sinais, provocam nelas preocupações e aflição mental, fazendo com que haja uma modificação de rotina e, conseqüentemente, uma total adaptação e aprendizado, principalmente no que se refere a comunicação e na relação mãe-filho.¹¹

Os pais podem se deprimir e criarem um pensamento de superproteção e vulnerabilidade ao indivíduo com TEA, mas as mães possuem uma probabilidade maior de dispor de mais medo, solidão e outras necessidades em saúde, visto que, culturalmente, a mãe apresenta maior responsabilidade no amor, cuidado e educação dos filhos. Além disso, percebeu-se nas narrativas citadas pela mãe participante, a sua vida era centrada somente ao cuidar, corroborando com o pensamento que, normalmente, essas mulheres abdicam de sua vida, do mercado de trabalho e de uma carreira profissional para se dedicar exclusivamente a essa criança, havendo uma mudança na organização e dinâmica familiar.¹²

Não obstante, apesar do esgotamento, solidão, desamparo e falta de autocuidado relatado por mães de filhos com TEA e confirmado pela participante deste estudo, há um sentimento de alívio quando eles estão na escola.¹³

Todavia, Joana relatou em várias de suas falas o medo, a tristeza e a luta para colocar os seus três filhos na escola, gerando constrangimentos e aflições. A entrada da criança com deficiência na escola é sempre um desafio, uma vez que além da preocupação dos pais acerca da incorporação dos seus filhos no ensino regular, há, também, a dificuldade de inclusão desses indivíduos nesse ambiente, que, muitas vezes, é regado por uma visão padronizada, exigente e nada inclusiva.¹³

A adaptação a nova rotina, atenção a esse indivíduo e a abdicar de atividades laborais, fora do ambiente doméstico, faz com que haja um carregado estresse, uma sobrecarga de trabalho materna e uma enorme pressão, ocasionando sentimentos de perda, luto e isolamento,¹⁴ presente também em Joana quando afirma que está devastada, com vontade de sumir e se sentindo péssima.

Além disso, há uma necessidade de atenção com relação ao seu próprio cuidado, que fica, muitas vezes, esquecido devido a uma sobrecarga intensa no cotidiano, não tendo tempo para realizar uma atividade de lazer e autocuidado. Pesquisas desenvolvidas que explanaram sobre o “se cuidar para cuidar” e “autocuidado não é egoísmo”, demonstraram que mulheres sentem dificuldade

de delegar funções, existindo uma desigualdade intrafamiliar, que colabora para que mulheres sejam obrigadas a realizar tarefas domésticas e de seus filhos, não cooperando para que elas tenham autonomia e tempo para fazer outras atividades.¹⁵

Nessa perspectiva, é importante o uso do Processo de Enfermagem pelo enfermeiro à mãe de filhos com TEA. É inegável que a família da pessoa com TEA precisa de cuidado biopsicossocial e de suporte, que venha a acrescentar em elementos essenciais para a sua promoção em saúde e ajuda psicológica. Porém, o que é observado na prática, é a falta de assistência a essas mães, que permanecem à mercê de um tratamento unicamente para seus filhos, ficando “esquecidas”, quando, evidentemente, essas mulheres são as que mais precisam, devido à sobrecarga do cuidado em tempo integral. A família necessita de um suporte terapêutico, onde precisam ser esclarecidos os sentimentos de cada integrante familiar, verificando os primeiros desafios, principais dificuldades e como amenizá-las.¹⁶

O processo de adaptação da rotina causado por filhos com TEA, leva, como consequência, a uma alteração da dinâmica e das relações familiares, podendo impactar na interação social com colegas e conflitos conjugais. Isso é percebido na vida de Joana, a qual relatou o distanciamento dos amigos e do convívio coletivo, sendo, esta queixa, um grande risco para o isolamento social, baixa autoestima e reduzido humor.

Mães de indivíduos com deficiência relatam uma falta de empatia da sociedade em relação a elas e seus filhos, que decorre de algum tipo de desrespeito e discriminação, levando a uma diminuição da efetiva inclusão dessas pessoas com deficiência e isolamento dessa mãe,¹⁷ como confirmado nas narrativas de Joana.

Todavia, é necessário salientar que há adoecimento físico vivido por essas mães decorrente da vida e do cuidado esgotante, que as levam a sintomas como dor, desconforto, fadiga, sono e prejuízo em outras atividades básicas de vida diária, como o autocuidado, envelhecendo-as precocemente, e causando sentimentos de esgotamento, solidão, desamparo e vulnerabilidade, que dificulta, também, seu convívio social.¹⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, verificou-se que ser familiar da pessoa com TEA tem um impacto significativo na vida, sobretudo na mãe, que é a principal cuidadora relatada nas pesquisas científicas. Ser familiar/cuidador desse público, traz consigo uma grande sobrecarga de trabalho, sendo, muitas das vezes, o único trabalho que eles possuem. A mãe é privada de lazer, viagens e outras particularidades do autocuidado, o que a leva a um considerável risco de distanciamento de amigos, familiares e isolamento social, que traz conseqüências significativas para sua vida psicológica e emocional.

Com a investigação das necessidades em saúde do familiar e escuta das narrativas de Joana, houve o conhecimento da interação social e dinâmica de vida dessas pessoas, sobre as suas vivências e como cada acontecimento em sua existência refletiu diretamente no percurso de sua vida até o presente momento.

Sentimentos de vulnerabilidade dos filhos, esgotamento, solidão, depressão e, principalmente, falta de atenção e assistência das instituições às mães de filhos com deficiência foram as necessidades em saúde mais citadas, que levam a essas mulheres o agravo da sua condição de vida e prejuízo nos fatores psicológicos. Isso favorece, ainda mais, o aparecimento das queixas, tornando-se um ciclo vicioso, que se não forem interrompidas pela percepção atenta dos profissionais, conduzem para mais sinais e manifestações do desânimo, debilitação e tristeza.

Acredita-se que a abordagem teórico/metodológica escolhida para esse estudo estabelece abertura para novos cenários de produções acerca da rotina e impacto de vida na família da pessoa com TEA, além de dar visibilidade para a atuação dos profissionais no cuidado a essas pessoas.

Posto isso, esta pesquisa teve fundamental relevância, pois há necessidade de se produzir mais estudos que abranjam a saúde do familiar da pessoa com TEA, produzindo um plano de cuidados que vise a melhoria na prestação do cuidar, a fim de garantir apoio, segurança e bem-estar.

REFERÊNCIAS

- Camelo IM, Camelo EC, Neves KR, Aragão GF. Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre autismo. *Enferm. foco (Brasília)*. [Internet]. 2021 [acesso em 20 de novembro 2022];12(6). Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2021.v12.n6.4890>.
- Gomes RC, Nunes DRP. Interações comunicativas entre uma professora e um aluno com autismo na escola comum: uma proposta de intervenção. *Educ. Pesqui.* [Internet]. 2014 [acesso em 7 de junho 2022];40. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022014000100010>.
- Onzi FZ, Gomes RF. Transtorno do espectro autista: a importância do diagnóstico e reabilitação. *Cad. Pedagóg.* [Internet]. 2015 [acesso em 20 de agosto 2022];12(3). Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/979>.
- Kiquio TCO, Gomes KM. O estresse familiar de crianças com transtorno do espectro autismo – TEA. *Rev. Eletrônica Iniciaç. Cient.* [Internet]. 2018 [acesso em 23 de agosto 2022];16(1). Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/iniciacaocientifica/article/view/4270>.
- Hofzmann RDR, Perondi M, Menegaz J, Lopes SGR, Borges DDS. Experiência dos familiares no convívio de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Enferm. foco (Brasília)*. [Internet]. 2019 [acesso em 02 de setembro 2022];10(2). Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2019.v10.n2.1671>.
- Bortone ART, Wingester ELC. Identificação do espectro do transtorno autista durante o crescimento e o desenvolvimento infantil: o papel do profissional de enfermagem. *SynThesis| Revista Digital FAPAM*. [Internet]. 2016 [acesso em 03 de setembro 2022];7(1). Disponível em: <https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis/article/view/133>.
- Melo CA, Farias GM, Oliveira GS, Silva JF, Negreiros JEL, Pinheiro RCS. Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo. *Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem*. [Internet]. 2017 [acesso em 05 de outubro 2022];2(2). Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mice/article/view/1154>.
- Barbosa PAS, Nunes CR. A relação entre o enfermeiro e a criança com transtorno do espectro do autismo. *Múltiplos Acessos*. [Internet]. 2017 [acesso em 18 de novembro 2022];2(2). Disponível em: <http://www.multiplosacessos.com/multaccess/index.php/multaccess/article/view/39>.
- Nogueira MAA, Rio SCMM. A família com criança autista: apoio de enfermagem. *Rev. Port. Enferm. Saúde Mental*. [Internet]. 2011 [acesso em 18 de novembro 2022];(5). Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602011000100003&lng=pt&nrm=iso.
- Monhol PP, Jastrow JMB, Soares YN, Cunha NCP, Pianissola MC, Ribeiro LZ, et al. Children with autistic spectrum disorder: perception and experience of families. *T. Hum. Growth Dev.* [Internet]. 2021 [cited 2022 nov 18]. 31(2). Available from: <http://dx.doi.org/10.36311/jhgd.v31.12224>.
- Pascalichio ML, Alcântara KCGM, Pegoraro LFL. Vivências maternas e autismo: os primeiros indicadores de TEA e a relação mãe e filho. *Estilos da Clínica* [Internet]. 2021 [acesso em 18 de novembro 2022];26(3). Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i3p548-565>.
- Cunha JHS, Pereira DC, Almohalha L. O significado de ser mãe ou pai de um filho com autismo. *Rev. Fam., Ciclos Vida Saúde Contexto Soc.* [Internet]. 2018 [acesso em 18 de novembro 2022];6(1). Disponível em: <https://doi.org/10.18554/refacs.v6i1.1971>.
- Silva JKQS. Autocuidado de mães de filho com deficiência. [Trabalho de Conclusão de Curso]. Fortaleza (Brasil): Centro Universitário Fametro; 2020. [acesso em 20 de novembro 2022]. Disponível em: <http://repositorio.unifametro.edu.br/handle/123456789/440>.
- Anjos BB, Morais NA. As experiências de famílias com filhos autistas: uma revisão integrativa da literatura. *Cienc. psicol.* [Internet]. 2021 [acesso em 20 de novembro 2022];15(1). Disponível em: <https://doi.org/10.22235/cp.v15i1.2347>.
- Santos GMV, Pícoli IA, Salgado AL, Ferreira ACD, Silveira CP, Takeshita IM. Cuide-se para cuidar: a promoção do autocuidado entre mães de crianças com deficiência por meio da extensão universitária. *Rev. Enferm. Atenção Saúde*. [Internet]. 2021 [acesso em 18 de novembro 2022];13(11). Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e8956.2021>.
- Damasceno AR Neto, Silva IN, Lima LS, Dantas MJM, Silva VD. Família: uma ponte para a superação da criança autista. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. [Internet]. 2022 [citado em 18 de novembro de 2022];8(5). Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v8i5.5592>.
- Cruz AKP, Amaral AJ, Nascimento GC, Freitas KVS, Araújo SC. A efetiva inclusão de pessoas com deficiências nas empresas. [Trabalho de conclusão de curso]. São Paulo (Brasil): Escola Técnica Estadual de Cidade Tiradentes; 2021. [acesso em 20 de novembro 2022]. Disponível em: https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/6530/1/rh_2021_2_anakarolina_aefetivainclus%C3%A3o.pdf.
- Mattiazzi ÂL, Roth-Hoogstraten A, Fedosse E, Santos Filha VAV. Quality of life of mothers of children with Autistic Spectrum Disorder. *Res., Soc. Dev.* [Internet]. 2019 [cited 2022 nov 18];8(11). Available from: <https://doi.org/10.33448/rsd-v8i11.1467>.